

# Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná

*Urban home gardens: urban agriculture in the Favela do Parolin, Fanny and Lindóia neighborhoods, Curitiba, Paraná, Brazil*

Michelle Melissa Althaus Ottmann<sup>[a]</sup>, Nilce Nazareno da Fonte<sup>[b]</sup>, Nério Aparecido Cardoso<sup>[c]</sup>, Mailane Raizer da Cruz<sup>[d]</sup>

<sup>[a]</sup> Doutoranda em Agronomia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: michellealthaus@hotmail.com

<sup>[b]</sup> Professora Doutora do Departamento de Fitotecnia e Fitossanitarismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: nilce@ufpr.br

<sup>[c]</sup> Professor MSc. da Faculdade de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA), Altamira, PA - Brasil, e-mail: neriocardoso@hotmail.com

<sup>[d]</sup> Graduanda em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: mailanejrc@gmail.com

## Resumo

Em várias cidades do mundo a agricultura urbana (AU) tem sido empregada para diminuir problemáticas urbanas. Esse trabalho visa a caracterizar e analisar a situação atual da agricultura urbana praticada nos quintais da favela do Parolin e dos bairros Fanny e Lindóia em Curitiba, Paraná. O trabalho constituiu-se de uma pesquisa exploratória, realizada por meio de entrevistas abertas com instituições, visitas observativas às regiões estudadas, sendo, posteriormente, aplicados questionários aos frequentadores das principais escolas públicas das três localidades estudadas. Como resultados, observa-se que a agricultura urbana praticada nos quintais das comunidades, Favela do Parolin e bairros Fanny e Lindóia é ainda pouco explorada, principalmente no que tange ao seu potencial de produção de alimentos, também como potencial sociabilizador, requerendo organização coletiva das comunidades.

**Palavras-chave:** Melhoria da qualidade de vida. Paisagismo produtivo. Pesquisa exploratória.

## Abstract

*In many cities of the world urban agriculture (UA) is used to decrease the urban problems. Thus, this study aims to show up the actual situation of the urban agriculture practiced in the home gardens of Favela do Parolin, Fanny and Lindóia neighborhoods, Curitiba, Paraná, Brazil. The study had an exploratory research, that had been done throughout opened interviews with the social institutions, observative visitings to the studied region and questionnaire application in local public schools. As a result it was observed that urban agriculture in Favela do Parolin, Fanny and Lindóia neighborhoods is poorly explored, mainly in its potentials*

*of food production for their dwellers, also its socializing potential, which would require a better collective organization from the communities.*

**Keywords:** *Increasing quality of life. Productive landscaping. Exploratory research.*

## Introdução

Os últimos anos têm sido marcados por profundas modificações ambientais, tecnológicas, sociais e econômicas. Essas alterações, sejam elas no solo, relevo, recursos hídricos, clima, vegetação e outros, promovem uma quebra no equilíbrio do sistema (SPORL; ROSS, 2004).

Diante das profundas alterações ambientais, pode-se citar como uma das problemáticas contemporâneas da humanidade os grandes centros urbanos. A maior parte da humanidade vive atualmente nas áreas urbanas, funcionando como verdadeiros “parasitas” do Planeta, graças ao estilo, à proporção do consumo e à consequente geração de lixo, resíduos sanitários e industriais produzidos e despejados diariamente nos rios e em outras áreas. Há também a ocorrência de formação de ilhas de calor, subproduto da verticalização arquitetônica, utilização de materiais impermeáveis e a transformação dos antigos jardins, quintais e praças em áreas maciças concretadas, que interferem também no escoamento de água de precipitações, formando, não raramente, grandes enchentes. Assim, o prognóstico da situação futura é alarmante: estima-se que em 2030 aproximadamente 4,9 bilhões de pessoas, ou 60% da população mundial, irão habitar as grandes metrópoles (HASSLER, 2007).

Além disso, a escassez de áreas verdes, associada a instabilidades climáticas, às poluições atmosférica, hídrica, sonora e visual, afeta consideravelmente a qualidade de vida das pessoas nos grandes centros urbanos, provocando distúrbios biológicos e psicológicos (SABADIN et al., 2003).

Outro ponto bastante pertinente e cada vez mais alarmante é a questão da segurança alimentar. A fome é também um cenário comum em nosso país e no mundo, e a falta de segurança alimentar em várias comunidades é de extrema preocupação, principalmente no Brasil, o que é um contrassenso, já que é considerado um grande produtor agrícola. À sombra desse quadro de pobreza e baixa qualidade de vida

criou-se, em várias cidades brasileiras, um imenso passivo social que pede a elaboração criativa de políticas de inclusão social, possibilitadas por arranjos institucionais que envolvam poderes constituídos, o meio acadêmico, o setor privado e a comunidade (GALLO et al., 2005).

Esse cenário tende a se agravar em áreas de risco social, fomentando ainda mais a baixa qualidade de vida dos moradores dessas regiões. Em vários países do mundo, contando com casos de sucesso, como em Cuba, Argentina e, inclusive, nos mais desenvolvidos, como Holanda e Alemanha, a agricultura urbana (AU) ou o paisagismo produtivo têm sido empregados para diminuir essas problemáticas. Diante do exposto, este trabalho visa a elucidar a situação atual da agricultura urbana praticada nos quintais da Favela do Parolin e dos bairros Fanny e Lindóia em Curitiba, Paraná, bem como busca trazer à tona suas limitações e potencialidades e pretende nortear futuras ações e implementações para a atividade.

## Materiais e métodos

### Caracterização socioeconômica da área de estudo

O bairro Parolin teve início com a história da família Parolin, em 1880, quando chegou ao Porto de Paranaguá o imigrante Antônio Parolin, viúvo, acompanhado de seus sete filhos, todos ainda crianças. Em Curitiba, eles se estabeleceram na “Água Verde”, onde, a partir de 1878, havia começado a se formar o núcleo Dantas, resultante da obtenção, pelos imigrantes, de lotes do município mediante cartas de aforamento concedidas pela Câmara da capital (IPPUC, 2008).

Entretanto, a história do bairro acabou tomando um caminho mais triste com a constituição da Favela do Parolin, a qual é uma ocupação irregular que data de 1960, época em que surgiram as primeiras famílias vindas do interior do Estado do Paraná. Nessa época, o bairro do Parolin era uma área isolada e rapidamente

tornou-se alvo de ocupação. O adensamento gradativo consolidou essa favela, que se localiza ao longo do Rio Vila Guaíra e se estende por áreas públicas, particulares e de fundo de vale. Essa favela é considerada uma das maiores e mais antigas áreas de ocupação espontânea da cidade de Curitiba (CURITIBA, 1997, p. 85). Além disso, é considerada o maior contrassenso da cidade, cujo planejamento urbano é reconhecido internacionalmente, pois sua proximidade com o centro, apenas 4 km, contrasta com uma região que é privilegiada e de alta especulação imobiliária. Também é considerada uma das favelas mais violentas da capital paranaense (KASHIWAGI, 2005).

De acordo com o relatório do Projeto de Trabalho Técnico Social da Vila Parolin, produzido pela Cohab Curitiba em maio de 2008, 46,8% das famílias (1.294 famílias entrevistadas, correspondendo a 85% do total da comunidade) são oriundas de áreas rurais de outros municípios, sobretudo do “norte pioneiro paranaense”. Os entrevistados declararam estar em busca de melhores condições de vida, trabalho, saúde e demais serviços. Esse deslocamento é o fenômeno do êxodo rural e está concentrado nos grandes centros e suas periferias, marcando o cenário nacional desde a década de 1960, com as cidades absorvendo de forma desordenada e excludente enormes contingentes populacionais em movimento rural-urbano.

Segundo dados da Cohab-CT (2008), a maior parte da comunidade recebe até R\$ 800,00 (73% dos entrevistados) e, em sua maioria, 54,3% é constituída de jovens (entre 15 e 30 anos). Em relação à educação, a comunidade possui, dos 4.893 moradores analisados, 4.153 alfabetizados contra 740 não alfabetizados.

Localizado na parte sul da cidade, entre os bairros Novo Mundo, Lindóia, Parolin, Hauer e Xaxim, o bairro Fanny (anteriormente chamado de Vila Fanny) é um bairro novo, caracterizado pela presença de uma série de indústrias e por uma população bastante ativa. O nome Fanny foi dado em homenagem à esposa do Sr. Roberto Hauer, proprietário da área de aproximadamente 500 alqueires, incluindo esse bairro (IPPUC, 2008).

Segundo dados do IPPUC, os quais são baseados em dados do censo realizado pelo IBGE em 2000, a renda média por habitante do bairro era de 5,30 salários mínimos, sendo a sua população correspondente a 0,50% do total da cidade de Curitiba e, em sua maioria, constituída de homens jovens (entre 15 e 24 anos). Em relação à educação, segundo dados do

mesmo censo, o bairro possuía, em 2000, duas escolas estaduais, duas escolas municipais e seis escolas particulares. Além disso, nessa época o bairro possuía uma população total de 7.866 habitantes, sendo desse total 6.000 alfabetizados contra 132 não alfabetizados (IPPUC, 2008).

No entanto, o bairro ainda possui características periféricas, dispondo de poucos equipamentos públicos, como: praças, parques, biblioteca, posto de saúde, etc. Sendo assim, os moradores do bairro, notadamente as crianças e os adolescentes, não dispõem de espaços de convivencialidade, agravando a situação de risco a que estão submetidas. Sem opções, as atividades ilícitas surgem como subproduto da ruptura do tecido social e opção de envolvimento (OTTMANN et al., 2007).

O bairro Lindóia situa-se hoje em terras que pertenciam ao imigrante alemão Ewald Hauer. Em 16 de agosto de 1948, a região começou a ser loteada para as primeiras famílias. Nessa época, os padres salesianos criaram a Paróquia Menino Jesus de Praga, na antiga Região de Boiadeiros, fundada em 8 de maio de 1977 por Dom Pedro Fedalto (IPPUC, 2008).

Segundo dados do IPPUC, os quais são baseados em dados do censo realizado pelo IBGE em 2000, a renda média por habitante do bairro Lindóia era de 2,12 salários mínimos, sendo a população correspondente a 0,53% do total da cidade de Curitiba e, em sua maioria, constituída de mulheres jovens (entre 15 e 24 anos). Em relação à educação, segundo dados do mesmo censo, o bairro possuía, em 2000, duas escolas estaduais, duas escolas municipais e uma escola particular. Além disso, nessa época o bairro possuía uma população total de 8.343 habitantes, sendo desse total 5.935 alfabetizados contra 252 não alfabetizados (IPPUC, 2008).

#### Coleta de dados empíricos e análise

O trabalho constituiu-se de duas fases:

- 1) pesquisa exploratória;
- 2) diagnóstico dos quintais, no entanto, nesse ensaio serão apresentados apenas os dados referentes à pesquisa exploratória.

A coleta dos dados para esse estudo foi feita com base em entrevistas abertas com instituições das

comunidades (igrejas, escolas, associações, CRAS – Centro de Referência da Assistência Social Parolin, chefes de unidades de saúde, etc.) e com técnicos da Secretaria do Abastecimento da Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC) para identificar pontos facilitadores e limitadores na agricultura urbana (AU) praticada nas comunidades, bem como diversas visitas observativas nas três localidades estudadas. Por fim, foram aplicados questionários aos frequentadores das principais escolas públicas das comunidades.

Os questionários foram aplicados a 291 famílias do total de 1.507 moradias (COHAB-CT, 2008) da Favela do Parolin; a 112 famílias do total de 2.330 moradias (IPPUC, 2008) do bairro Fanny; a 73 do total de 2.392 moradias (IPPUC, 2008) do bairro Lindóia. A amostra foi estabelecida em um universo próximo de 10% do total de moradias de cada comunidade, pois, de acordo com Monteiro e Monteiro (2006), se constitui no tamanho mínimo para obtenção de um resultado que seja suficientemente representativo.

Nesses questionários foram contempladas questões sobre o perfil socioeconômico das famílias (renda mensal, número de pessoas na família); situação fundiária (casa própria ou alugada, outra condição); quais plantas são cultivadas no local (frutíferas, medicinais, aromáticas, hortaliças, ornamentais, etc.); se não possuía nenhuma planta ou poucas, e qual a justificativa (espaço, tempo, estímulo, outro); realização de trocas de plantas entre vizinhos, parentes, amigos, etc.; benefícios enxergados pela prática de cultivo de plantas (alimentação, maior convívio familiar, menos estresse, renda, embelezamento do bairro, saúde, higiene e limpeza do bairro, segurança no bairro); como são obtidas as mudas, sementes e insumos para cultivá-las; quem ajuda no cultivo das plantas (família, amigos, associação de moradores, prefeitura, jardineiros, etc.); e, por fim, se participam da associação de moradores do bairro.

Os dados provenientes da aplicação desses questionários foram sumarizados e transformados em porcentagens com a intenção de realizar-se uma análise estatística descritiva das variáveis quantitativas (renda mensal, número de pessoas na família, etc.) e qualitativas (situação fundiária, quais plantas cultivam, etc.).

Aplicou-se também uma análise estatística não paramétrica cruzando-se alguns dados na tentativa de se obter relações significativas entre as variáveis. Essa análise baseou-se na fórmula de Cochran (1977).

$$n = \frac{(P \times Q) \alpha^2}{\varepsilon^2}, \text{ população infinita}$$

$$n' = \frac{n}{\left(1 + \frac{n}{N}\right)}, \text{ correção para população finita}$$

N = tamanho populacional

n = tamanho da amostra a ser obtido

P = probabilidade de sucesso

Q = probabilidade de fracasso

$\alpha$  = nível de 95% de confiabilidade estabelecido pela Tabela Normal “Z”  $\alpha = 1,96$ .

$\varepsilon$  = erro admitido na pesquisa, inversamente proporcional à amostra

## Resultados e discussão

De acordo com visitas às instituições (igrejas, associações, escolas, CRAS) foi unânime a questão da importância em se resgatar e trabalhar a produção domiciliar (quintais) de alimentos sem agrotóxico com as comunidades (Favela do Parolin e Fanny). No entanto, foi também unânime a questão levantada a respeito dos problemas de falta de espaço para esse plantio, especialmente na Favela do Parolin, até mesmo em recipientes, pois as casas são muito próximas umas das outras, não havendo, em muitas situações, nenhum espaço para quintal e nem calçada.

Também a questão da falta de tempo merece destaque, uma vez que, com a rotina de trabalho da vida urbana, *“são poucas as pessoas que conseguem chegar em casa e ainda ter ânimo para cuidar do quintal”*, aponta uma funcionária do CRAS-Parolin, especialmente na Favela do Parolin, onde a maioria das pessoas possui atividades ligadas à reciclagem do lixo, a qual é bastante exaustiva.

Essa questão ainda se atrela à da própria falta de incentivo pessoal em cuidar do quintal, trabalhar na terra, embelezar a casa e a paisagem local, pontos esses que podem estar ligados à baixa autoestima: *“as pessoas não são incentivadas por elas mesmas a plantar no seu quintal, muitas vezes até possuem espaço, mas não querem plantar porque é mais fácil comprar no mercado e aí quem não tem dinheiro fica só no arroz com feijão”*, comenta o representante de uma das instituições visitadas do bairro Fanny.

Outros fatores também apontados como limitadores para a atividade nas comunidades foram: a questão da falta de dinheiro para iniciar a atividade (aquisição de terra, adubo, sementes, mudas, cerca para evitar entrada de animais, especialmente cachorros), problemas de saúde, casa alugada impedindo maiores investimentos. E ainda foi mencionada a questão do assistencialismo praticado pelo governo federal e estadual, levantada por várias pessoas ligadas a instituições não governamentais das comunidades, fato que muitas vezes pode barrar iniciativas autônomas e criar um círculo vicioso de dependência por parte das comunidades estudadas.

Monteiro e Mendonça (2004), à semelhança da situação citada anteriormente, relatam que em comunidades da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a qual vem sofrendo um severo processo de urbanização, são observados intensos índices de desemprego ou subemprego, além da carência de serviços básicos. Essas comunidades são atingidas por uma insegurança alimentar que provém da falta de acesso aos alimentos, pela limitação financeira e também pela homogeneização dos hábitos alimentares. Os autores também discutem que a sociabilidade comunitária é afetada pelo poder do tráfico de drogas e a cultura política é fortemente marcada por relações de clientelismo e assistencialismo, dificultando o desenvolvimento de ações efetivas para o enfrentamento de problemas coletivos. Situação essa partilhada por diversas comunidades situadas em favelas.

Em relação à questão da segurança alimentar, esta aparece bastante comprometida na Favela do Parolin. De acordo com a chefe da Unidade de Saúde Parolin, Joanita Zempulski, há muitos casos de desnutrição entre crianças de até 3/4 anos por falta de acesso à alimentação adequada; existe muita carência de proteínas e vitaminas e o quadro alimentar também, como registrado em comunidades carentes cariocas, é bastante homogêneo. Mesmo com uma série de programas federais, estaduais e municipais de combate à fome, ainda é um problema recorrente a falta de comida para essas famílias. No entanto, Joanita afirma que há também o problema do abandono da criança pela mãe, e que essa mãe prefere muitas vezes preparar alimentos industrializados em vez de naturais, como arroz e feijão, o que acaba também comprometendo a nutrição adequada das crianças. Segundo ela, esses são fatores culturais e sociais, que aparecem também como limitadores para a pro-

moção do cultivo de plantas alimentícias entre os moradores da favela, mesmo que estes, em sua maioria, sejam provenientes do meio rural.

Já nos bairros Fanny e Lindóia a situação é diferente, uma vez que são inexistentes os problemas de desnutrição entre as crianças e seus moradores apresentam o hábito da produção de alimentos no próprio quintal. Segundo Helena, chefe da Unidade de Saúde Fanny-Lindóia, são vários os moradores que possuem quintais e cultivam horta, pontos que favorecem a segurança alimentar dessas comunidades.

As questões anteriores também foram levantadas pelos representantes das instituições visitadas a partir do próprio histórico de ações coletivas de agricultura urbana implementadas nas comunidades estudadas. Na Favela do Parolin, dentro das dependências do CRAS e da sede de sua associação de moradores, existe uma área destinada a uma horta comunitária. No entanto, atualmente apenas dois moradores utilizam o espaço para produção. No bairro Fanny, por iniciativa de um frei pertencente à Igreja Nossa Senhora da Conceição, foi obtida a concessão temporária (data não mencionada) de um terreno particular, localizado próximo ao córrego Henry Ford, para a sua utilização como horta comunitária. No entanto, a ação não teve muito sucesso, pois poucos moradores mostraram-se interessados nessa atividade.

Embora a atividade de agricultura urbana seja relativamente nova, sua contribuição para o desenvolvimento sustentável das localidades em que é praticada constitui-se em uma solução de relevância e com grande potencial para ser exercida. Em estudo sobre as 43 hortas comunitárias de Teresina, PI, constatou-se que o Programa de Hortas Comunitárias surge, objetivando especialmente a geração de trabalho e renda, a melhoria do padrão alimentar das famílias envolvidas na atividade e a diminuição da necessidade de importação de hortaliças. No entanto, a pesquisa identificou que, apesar da ocorrência da geração de rendimentos para os horticultores, estes ainda representam muito pouco, servindo menos como fonte única e mais como complemento da renda (MONTEIRO; MONTEIRO, 2006).

Gallo et al. (2005) também ressaltam que, assim como nas áreas rurais, os agricultores vêm buscando empregos alternativos não agrícolas, caracterizando a sua pluriatividade; as áreas urbanas e periurbanas tornam-se espaços para atividades agrícolas que, além

de produzirem alimentos, podem representar fonte de renda e sustentabilidade ambiental.

De acordo com os questionários aplicados, a comunidade da Favela do Parolin apresenta aparente coesão de grupo, já que 72,16% afirmam participar da associação de moradores. No bairro Fanny, a situação é inversa: apenas 13,39% afirmaram participar da associação de moradores do bairro, contra 81,25% que afirmaram não participar e, destes, vários mencionaram nunca ter ouvido falar do funcionamento da associação. No bairro Lindóia, a situação se assemelha ao bairro Fanny: apenas 12,33% participam da associação de moradores.

Em estudo sobre as hortas comunitárias da cidade de Teresina, PI, também identificou-se que 80,83% dos horticultores também não participam de associações e/ou cooperativas, ou seja, caracterizam-se como desorganizados. Somente ocorre alguma forma de organização na compra do estrume, na medida em que a aquisição individual encarece o produto (MONTEIRO; MONTEIRO, 2006).

Outras questões abordadas nos questionários, que podem retratar um pouco da organização social e familiar das comunidades e que estão envolvidas na prática da AU, seriam em relação à ajuda recebida para cuidar do quintal. Na Favela do Parolin, a maioria dos que responderam ao questionário, e que possuem plantas, dizem que recebem ajuda familiar para cuidar da sua plantação: 69,74% contra 29,74% de famílias em que apenas uma pessoa cuida das plantas. Na Vila Fanny, 43,37% recebe ajuda da família para cuidarem de suas plantas, contra 45,78% de famílias em que apenas uma pessoa cuida das mesmas e 10,84% que não responderam a questão. No bairro Lindóia, 44,44% recebe ajuda da família para cuidarem de suas plantas, contra 48,15% de famílias em que apenas uma pessoa se encarrega da tarefa e 7,41% que não responderam à questão.

A troca de plantas entre vizinhos, parentes e amigos, que também infere um caráter social à atividade de agricultura urbana, aparece na Favela do Parolin, com 57,83%, que diz não efetuar trocas, contra 37,95% que troca plantas, especialmente com parentes, e ainda 11,80% que não responderam à questão. Na Vila Fanny, 50,25% diz não efetuar trocas, contra 37,35% que troca plantas, especialmente com parentes e vizinhos, e ainda 4,82% que não responderam à questão. No bairro Lindóia, 59,25% diz não efetuar trocas, contra 38,88% que troca plantas,

também com parentes e vizinhos, e ainda 1,85% que não responderam à questão.

Esse fator revela uma prática antiga, “o escambo de plantas”, bastante comum na área rural, denotando-se como um aspecto de sociabilização importante, uma vez que o escambo poderia ser uma oportunidade para rever o parente ou bater um papo com o vizinho. Também se transformava em uma estratégia de sobrevivência, pois aumentava a diversidade de plantas cultivadas, além de instaurar o clima de solidariedade. Hoje, no entanto, nas grandes cidades com seu ritmo frenético e hábitos individualistas, muitos que no passado tinham esse escambo como rotina acabaram aderindo à lógica da urbanidade, perdendo de certa forma esse hábito, o que pôde ser evidenciado nos resultados expressos anteriormente.

No entanto, na Vila Fanny uma das pessoas que respondeu ao questionário surpreendeu, pois disse *trocar roupas por plantas*. Almeida (2004), retratando o Projeto de Formação de Agentes de Desenvolvimento Local em Segurança Alimentar Nutricional e Agricultura Urbana, iniciado em 2003, em Belo Horizonte, MG, descrevendo que os envolvidos no projeto, quando viajam para o interior, trazem mudas e sementes para plantarem e trocarem com os vizinhos. Assim, a agricultura urbana pode criar novos laços de sociabilidade e estimular o resgate de sentimentos de reciprocidade e solidariedade nos espaços urbanos. As práticas de doações de mudas e trocas de sementes e produtos entre comunidades urbanas, e destas com comunidades rurais, também garante a conservação e o incremento da biodiversidade cultivada nas áreas urbanas (MENDONÇA; MONTEIRO; SILVA, 2007).

Em relação às outras características socioeconômicas das comunidades evidenciadas pelos questionários, tem-se que, na Favela do Parolin, a maioria das pessoas que responderam ao questionário possui renda entre um e dois salários mínimos (53,26%); 83,50% possuem casa própria, com cinco a sete habitantes/moradia (57,74%), explicitando a limitação econômica por parte dessa comunidade, visto que são moradias populosas, que sobrevivem apenas com uma renda baixa. Já no bairro Fanny a renda encontra-se acima de dois salários mínimos (37,50%) e 34,82% não mencionaram a renda familiar, 66% possuem casa própria com entre quatro e cinco habitantes/moradia (55,36%), 25% moram em casa alugada. No bairro Lindóia, a renda encontra-se também acima de dois salários mínimos (56,16%), 78% possuem

casa própria também com entre quatro e cinco habitantes/moradia (58,91%). Situações essas que remetem a uma condição socioeconômica superior se comparada à da Favela do Parolin.

Sobre a caracterização da AU praticada por essas comunidades em seus quintais, foram levantados pelos questionários que, na Favela do Parolin, 63,57% das famílias possuem plantas nos quintais, contra 36,43% que não possuem. As plantas mais cultivadas são as ornamentais (grama, rosas, margaridas e folhagens diversas), presentes em 74,87% dos quintais; seguidas das medicinais (boldo, hortelã, camomila e guaco), com 45,64%; frutíferas (limão, laranja, goiaba, pêssego, ameixa), com 25,13%; temperos/aromáticas (cebolinha e salsinha), com 22,05%; e hortaliças (couve e alface), com 10,77%. Aqueles que não possuem plantas afirmam que os principais motivos são: pouco espaço (45,83%) e pouca motivação (27,08%).

É possível perceber que a produção de alimento (hortaliças, principalmente) ainda é uma prática pouco explorada por essa comunidade, tanto em relação aos espaços institucionais (horta comunitária do CRAS), como já foi discutido anteriormente, quanto nos espaços domiciliares (quintais). Isso em parte pode ser explicado pela questão limitadora de falta de espaço, apontada pelos próprios moradores e pelos representantes das instituições, como já colocado anteriormente, daí certamente a escolha ou a necessidade de cultivar apenas plantas ornamentais, as quais se adaptam com extrema facilidade às condições de pouco espaço, como em recipientes. Além do problema de espaço, urgem também questões de ordem pessoal e de autoestima, as quais são subproduto do fenômeno de “favelização” (NIGRO, 2007).

Uma favela representa e justifica a insustentabilidade e a vulnerabilidade de um sistema ambiental urbano em razão do crescimento desordenado que o invade, causando rupturas sistêmicas e, por fim, desequilibrando-o e degenerando-o, sendo permeada de segregação e exclusão social (NIGRO, 2007), fatores que contribuem definitivamente para a baixa autoestima das populações que ali vivem.

Outro fator preponderante é o êxodo rural, que na Favela do Parolin, de acordo com relatório socioeconômico realizado pela Cohab-CT (2008), responde por 46,8% das famílias, vindas sobretudo do “norte pioneiro paranaense”, zona rural. Esse contingente chega na cidade grande e esbarra em um mercado hostil e averso ao ofício dessas famílias: a agricultura.

Nesse sentido, Monteiro e Mendonça (2004) argumentam que significativa parcela das populações que hoje residem nas cidades é oriunda do meio rural. Ao se estabelecerem no meio urbano, as famílias de antigos agricultores se viram obrigadas a desenvolver modos de vida muito diferentes daqueles regulados pelos ciclos da natureza a que estavam habituadas. Se, por um lado, esses novos modos de vida assimilam a essência das formas de convivência propriamente urbanas; por outro, retêm antigas práticas provenientes de suas origens rurais, que continuam a se manifestar no vocabulário, na culinária, nas artes, na sociabilidade e na relação com a terra e as plantas. Contudo, em algumas famílias pode ocorrer o oposto, e com a autoestima baixa acabam por renegar seus costumes e heranças da vida no campo.

Para sanar a limitação do espaço para a prática da AU, em algumas comunidades, como em Belo Horizonte, MG, as iniciativas das famílias, potencializadas pelo Projeto de Formação de Agentes de Desenvolvimento Local em Segurança Alimentar Nutricional e Agricultura Urbana, mostram como é possível desenvolver tecnologias de otimização de pequenos espaços domésticos (quintais, corredores, varandas e lajes) para a produção agroecológica de alimentos, plantas medicinais e ornamentais (ALMEIDA, 2004). Além disso, ações como essas podem promover a criatividade individual e, conseqüentemente, melhoram e resgatam a autoestima.

Na Vila Fanny, 76,79% das pessoas que responderam ao questionário possuem plantas. As plantas mais cultivadas são as ornamentais (grama, rosas, samambaias), presentes em 89% dos quintais; frutíferas (limão, laranja, pitanga e pêssego), com 50%; temperos/aromáticas (cebolinha), com 33%; hortaliças (couve, alface e tomate), com 27%; e medicinais (hortelã, boldo, capim-limão e camomila), com 21%. Aqueles que não possuem plantas afirmam que a principal causa é a falta de espaço (72%).

No bairro Lindóia, das pessoas que responderam ao questionário, 72,60% possuem plantas. As plantas mais cultivadas são as ornamentais (grama, floríferas herbáceas diversas, folhagens diversas), presentes em 85% dos quintais; medicinais (hortelã, boldo e arruda) com 61%; temperos/aromáticas (cebolinha e salsinha), com 42%; frutíferas (laranja, limão, mimosa e ameixa), com 37%; e hortaliças (couve e alface), com 33%. E aqueles que não possuem plantas afirmam também que a principal causa é a falta de espaço (74%).

Mesmo havendo para essas comunidades (Fanny e Lindóia) um aumento no cultivo de plantas comestíveis em relação à comunidade da Favela do Parolin, ainda é um aspecto da AU não muito explorado em relação ao seu potencial. A questão da problemática da falta de espaço para implementar essa atividade novamente é apontada por seus moradores. Nesse caso, Mendonça et al. (2007) afirmam que questões técnicas merecem atenção e são específicas, muitas vezes, das realidades urbanas. Como a questão que diz respeito à utilização de espaços muito reduzidos e sem solo para o plantio, que nesse caso deve ser feito em recipientes, bem como a compostagem de resíduos domésticos individuais e comunitários e o reaproveitamento da água servida para irrigação.

Quando os moradores foram questionados em relação aos benefícios que a prática da AU em seus quintais traz para suas vidas, os mais ressaltados foram: na Favela do Parolin, benefícios para a saúde (54,36%), embelezamento do bairro (33,33%) e higiene e limpeza do bairro (29,23%). Na Vila Fanny, benefícios para a saúde (51,81%), alimentação (49,40%), bem-estar da família (48,19%), embelezamento do bairro (46,98%) e menos estresse (AU como terapia) (42,17%). No bairro Lindóia, benefícios para a saúde (48,15%), embelezamento do bairro (48,15%), alimentação (46,29%), bem-estar da família (33,33%). Nesse quesito, a soma das porcentagens excede o valor de 100%, graças aos moradores escolherem mais de uma opção.

Martin, Oudwater e Gündel (2001) expõem que se reconhece a importância de benefícios intangíveis percebidos pelos entrevistados no valor econômico total da AU, mas estes ainda são incluídos com pouca frequência nas pesquisas. Os benefícios intangíveis, como relaxamento, vínculos sociais, melhoria nutricional, sentimento de bem-estar pelo “enverdecimento” dos espaços, etc., podem ser mais substanciais que os benefícios puramente econômicos, especialmente para aqueles que praticam AU para consumo próprio ou subsistência, situação essa percebida nas comunidades estudadas.

Madaleno (2000), estudando os quintais de Belém, PA, também destaca a importância da AU para seus praticantes no âmbito nutricional, mas também, não menos importante, no ambiental, desde o embelezamento da cidade, contribuição para a prevenção da erosão do solo, formas alternativas de reciclagem de lixo urbano, como para a fonte nutricional de famílias de classe média e baixa e ainda como uma fonte de renda.

Ao realizarem-se os cruzamentos entre dados observou-se que uma das relações significativas apareceu no cruzamento entre renda familiar e cultivo de plantas nas três localidades estudadas. Na Favela do Parolin, por exemplo, o cultivo de plantas parece estar relacionado ao baixo nível de renda das famílias (56,21%), pois aquelas que cultivam plantas sobrevivem mensalmente com apenas um ou dois salários mínimos. Daí a importância de se promover a AU para essa comunidade. Já nas comunidades dos bairros Fanny e Lindóia a situação é exatamente inversa, pois famílias que possuem uma renda superior a dois salários mínimos são as que mais cultivam plantas em seu quintal, 37,21% e 58,49%, respectivamente.

## Conclusões

A agricultura urbana praticada nos quintais das comunidades, Favela do Parolin, bairros Fanny e Lindóia, por meio da jardinagem pode ser melhor explorada, principalmente no que tange ao seu potencial de produção de alimentos para melhoria da segurança alimentar de seus moradores, bem como em relação ao seu potencial sociabilizador, requerendo das comunidades uma organização coletiva.

No entanto, é salutar por parte dos moradores dessas comunidades, especialmente aqueles que já cultivam plantas, o uso de seus quintais como local de lazer, conservação ambiental e de extrema importância para a qualidade de vida de seus familiares. Nesse sentido, esse espaço deve ser conservado e explorado da melhor forma possível, como um elo entre o homem e suas raízes rurais e naturais e como um importante meio para a sua reprodução social no ambiente urbano, além de promover uma reflexão em nossa sociedade de como a AU pode afetar a melhoria da qualidade de vida no meio urbano auxiliando no seu desenvolvimento sustentável e não apenas como um processo produtivo e incremento de renda.

Ações promotoras de esclarecimento e melhor compreensão da população quanto às implicações benéficas da atividade de AU são necessárias, como programas e projetos que capacitem os moradores em questões técnicas de cultivo, para sanar a problemática da falta de espaço, falta de luminosidade, água disponível para irrigação e manejo agroecológico das plantas. Também programas de caráter participativo, que apontem soluções para as questões



relacionadas à organização e ao trabalho coletivo, aumento de autoestima, por meio da valorização dos saberes dos moradores dessas comunidades e estímulo à criatividade deles é relevante. Outras ações fomentadas por meio de políticas públicas, também são pertinentes e necessárias, especialmente no que concerne ao reconhecimento da atividade de agricultura urbana, nos planejamentos urbanísticos e zoneamentos de uso e ocupação do solo urbano e desenvolvimento sustentável das comunidades.

Dessa forma, a próxima fase do estudo prevê visitas aos quintais e pesquisas participativas para aprofundamento dessas questões levantadas na fase exploratória, com o intuito de fornecer subsídios para a formulação de programas de estímulo a políticas públicas para a valorização e institucionalização do movimento de agricultura urbana, nas comunidades estudadas e na cidade de Curitiba.

## Referências

- ALMEIDA, D. Agricultura urbana e segurança alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 25-28, 2004.
- COCHRAN, W. G. **Sampling techniques**. 3rd ed. New York: Wiley, 1977.
- COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR – COHAB-CT. **Perfil dos moradores da favela do Parolin, Curitiba, PR**. Projeto de Revitalização do Parolin. 2008.
- CURITIBA. **Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1997.
- GALLO, Z.; MARTINS, L. A. de T. P.; PERES, M. T. M. Pobreza, meio ambiente e economia solidária: o caso de Piracicaba. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 39-50, 2005.
- HASSLER, S. Engineering the megacity. **IEEE Spectrum**, Nova Iorque, v. 44, n. 6, p. 14-17, 2007.
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC. **Curitiba em dados**. Disponível em: <[http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba\\_em\\_dados\\_Pesquisa.asp](http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba_em_dados_Pesquisa.asp)>. Acesso em: 15 abr. 2008.
- KASHIWAGI, H. M. A contribuição da fenomenologia nos processos de intervenção urbana em ocupações irregulares. **Revista Geografia**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 197-208, 2005.
- MADALENO, I. Urban agriculture in Belém, Brazil. **Cities**, Los Angeles, v. 17, n. 1, p. 73-77, 2000.
- MARTIN, A.; OUDWATER, N.; GÜNDEL, S. Metodologias para el análisis situacional em la agricultura urbana. **Urban Agriculture Magazine**, Leusden, n. 5, p. 1-29, 2001.
- MENDONÇA, M. M.; MONTEIRO, D.; SILVA, R. M. **Agricultura urbana: ensaio exploratório e pequeno mosaico de experiências**. Disponível em: <<http://www.aspta.org.br/publique/media/informeagropecuario.doc>>. Acesso em: 6 jul. 2007.
- MONTEIRO, D.; MENDONÇA, M. M. Quintais na cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 29-31, 2004.
- MONTEIRO, J. P. do R.; MONTEIRO, M. do S. L. Hortas comunitárias de Teresina: agricultura urbana e perspectiva de desenvolvimento local. **Revista Iberoamericana de Economía Ecológica**, Barcelona, v. 5, n. 0, p. 47-60, 2006.
- NIGRO, C. D. **[In]Sustentabilidade urbana**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- OTTMANN, M. M. A. et al. O paisagismo como uma atividade transdisciplinar fomentando a educação ambiental. In: CONGRESSO DE FLORICULTURA E PLANTAS ORNAMENTAIS, 16., 2007, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, RBHO, 2007. p. 1315.
- SABADIN, V. A. et al. Planejamento participativo para recuperação de floresta urbana em área verde do município de Piracicaba/SP. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE DEGRADAÇÃO E RECUPERAÇÃO AMBIENTAL, 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Seminário Nacional sobre Degradação e Recuperação Ambiental, 2003. Disponível em: <<http://www.sobrade.com.br/eventos/2003/seminario/Trabalhos/trabalhos.htm>>. Acesso em: 6 jul. 2007.
- SPORL, C.; ROSS, J. L. S. Análise comparativa de fragilidade ambiental com aplicação de três modelos. **GEOSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 15, p. 39-49, 2004.

Recebido: 05/09/2010  
Received: 09/05/2010

Aprovado: 30/03/2011  
Approved: 03/30/2011